O HOLOCAUSTO NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA[1] (1964-2011)

Lidia Noemia Santos*
Jéssica Pereira de Sá**

RESUMO

O presente artigo analisa como livros didáticos brasileiros, datados entre os anos de 1964 e 2011, abordaram a Segunda Guerra Mundial, detendo-se, especialmente, nas menções ao genocídio em massa conhecido como "Holocausto". Em sequência cronológica, a pesquisa apresenta mudanças e permanências nas narrativas sobre o conflito, destacando que o Holocausto, antes, praticamente omitido, a partir da metade da década de 1990, passa a ganhar cada vez mais espaço na literatura didática. Apesar do contínuo crescimento da temática, conclui-se que as informações sobre o episódio ainda são incompletas ou dúbias, e as interpretações, insatisfatórias.

Palavras-Chave: Ensino de História, Livro Didático, Holocausto**.**

ABSTRACT

The present article analyzes how Brazilian textbooks, dated between the years of 1964 and 2011, dealt with the Second World War, focusing especially on mentions of the mass genocide known as the "Holocaust." In a chronological sequence, the research presents changes and permanences in the narratives about the conflict, emphasizing that the Holocaust, which was practically omitted from the mid-1990s onwards, is gaining more and more space in the didactic literature. Despite the continuous growth of the subject, it is concluded that the information about the episode is still incomplete or dubious, and the interpretations, unsatisfactory.

Keyword: History Teaching, TextBook, Holocaust

RECEBIDO: 31 de maio de 2017
AVALIADO: em 20 de julho de 2017

[1] Este artigo é resultado parcial da monografia "O Holocausto nos livros didáticos de História (1964-2011)", defendida no Curso de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central da Universidade Estadual do Ceará, pela aluna Jéssica Pereira Sá, sob a orientação da professora Dra. Lidia Noemia Santos. Agradecemos ao prof. Sander Cruz Castelo pela revisão textual.

* Professora assistente do curso de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central da Universidade Estadual do Ceará. Possui graduação e mestrado em História pela Universidade Federal do Ceará, e doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: lidia.noemia@uece.br.

** Jéssica Pereira de Sá é graduada em História pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: jehpsa@gmail.com.

Livro Didático, História e Memória do Holocausto: os Caminhos da Pesquisa

O livro didático é o principal instrumento de ensino das escolas brasileiras, circulando, há várias décadas, entre professores e alunos de todo o país. Na década de 1980, com as renovações teóricas e metodológicas propostas pela Escola do Annales, os historiadores começaram a analisar a literatura didática, sobretudo no campo do Ensino de História. Desde então, os trabalhos objetivam compreender o ensino e a aprendizagem da História, colocando-se questões como: a relação entre o texto didático e o contexto histórico de sua produção, os usos dos manuais didáticos na formação cultural (e/ou consciência histórica) de alunos e professores, a mediação entre a literatura acadêmica e a didática, a apropriação de diversos documentos e linguagens na literatura didática, o mercado de produção, consumo e avaliação de livros didáticos[2] etc.

Este artigo se insere nesse campo de pesquisa, pretendendo oferecer alguma contribuição aos estudos sobre literatura didática no Brasil. O objeto a ser investigado é o Holocausto[3], nome dado à perseguição, tortura e morte de milhões de judeus e outras minorias consideradas inúteis, opositoras ou “inferiores" pelos nazistas[4], durante a Segunda Guerra Mundial. O problema consiste, basicamente, em compreender se/como o Holocausto é abordado nos livros didáticos de História nas últimas seis décadas.

A motivação para a investigação se deu a partir de pesquisa realizada pela *Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura* (UNESCO)[5], apresentada em 2015, que revelou que, em alguns países, o Holocausto não faz parte do currículo formal, caso da Palestina, Egito, Nova Zelândia, Iraque e Tailândia. (ver figura 1). Em outras nações, constatou-se, caso do Brasil[6], que o Holocausto está previsto no currículo formal e/ou é parte integrante dos manuais didáticos, mas, de modo geral, não é ensinado de forma complexa e problematizada.

---

[2] CHOPPIN, Allain. "História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte". *Educação e pesquisa*, v. 30, n. 3, São Paulo: 2004.

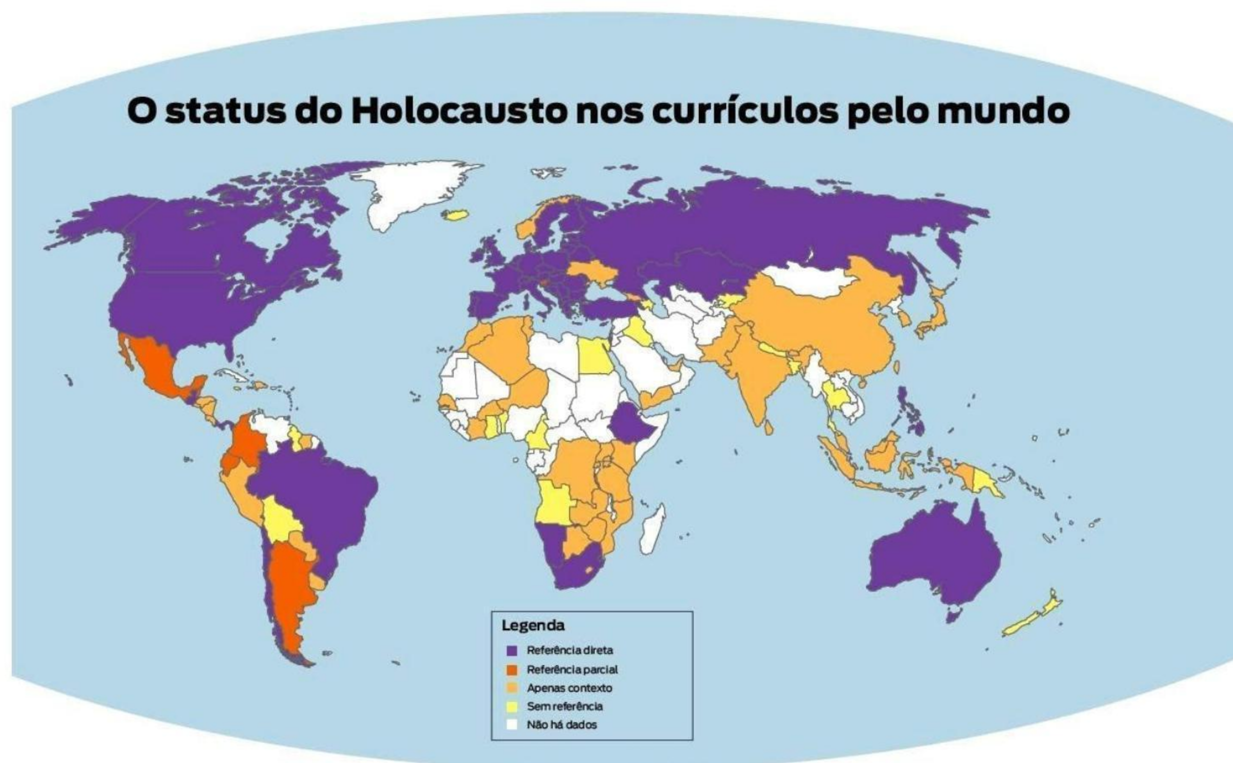
[3] A palavra “holocausto” tem origem grega e significa “todo queimado”. O termo foi adotado na tradução grega da Torá para se referir ao “Olah”, oferta sacrificial de um animal, que seria consumido pelo fogo, obrigatória a todos os judeus na época do templo de Jerusalém. Após o genocídio judeu na Segunda Guerra, “Holocausto” passou a designar esse episódio, embora a comunidade judaica prefira a palavra “shoah", que significa “calamidade”. DANZIGER, Leila. "Shoah ou Holocausto: a aporia dos nomes". *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG,* v. 1, n. 1, p. 50-58, out. 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/985>. Acesso em: 30/05/ 2017.

[4] Alemães e estrangeiros considerados inúteis para o Estado, como idosos e doentes mentais, de raça inferior, como ciganos, homossexuais, negros e eslavos, e opositores políticos/ideológicos, como sindicalistas e testemunhas de Jeová, foram alvo das políticas de tortura e extermínio.

[5] CARRIER, Peter et all. *The internacional status of education about the Holocaust*. A global mapping of textbooks and curricula. Paris/Braunschweig: UNESCO, 2015.

[6] Atualmente, o Holocausto costuma ser abordado nos livros didáticos (dentro do contexto da Segunda Guerra Mundial) dirigidos ao 9º ano do Ensino Fundamental II e 3º ano do Ensino Médio. "O Ministério da Educação do Brasil emite diretrizes nacionais que estipulam o ensino sobre o Holocausto. No entanto, estas orientações não são vinculativas e funcionam apenas como recomendações cujo conteúdo pode ser adaptado e alargado localmente. Os currículos para o Ensino Primário na faixa etária de nove anos no Brasil são fornecidos em nível municipal, enquanto os estados determinam o conteúdo do Ensino Médio, entretanto as escolas têm a decisão final sobre o que realmente é ensinado nas salas de aula. Após ataques a sinagogas e cemitérios judeus, Porto Alegre foi o primeiro município a introduzir a educação obrigatória sobre o Holocausto para todas as escolas públicas em 2010." (tradução livre). Idem, p. 36.

Figura 1: Mapa sobre o Holocausto nos currículos escolares – Revista *Educação*, 2015 (inspirado no original publicado pela UNESCO).



O mapeamento demonstra que, em muitos países do mundo, o massacre dos judeus não é ensinado nas escolas ou, pelo menos, não está previsto no seu currículo formal. Dados como esses indicam que muitas gerações, se dependessem apenas do que é ensinado nas escolas, poderiam concluir sua formação escolar sem conhecer o Holocausto.

Matéria da revista *Educação*[7], de 2015, reproduz parte dos resultados da pesquisa organizada pela UNESCO, relacionando-as com outros dados colhidos pela organização britânica Centro para a Educação sobre o Holocausto, pelo Museu Memorial do Holocausto (de Washington, Estados Unidos) e pela Aliança Internacional para a Memória sobre o Holocausto, que, dentre outras atribuições, agem em favor do ensino e da memória do Holocausto. Segundo a matéria, uma pesquisa encomendada pelo Centro para a Educação sobre o Holocausto constatou, por exemplo, que alunos de ensino médio de escolas britânicas não sabiam informar quantos judeus foram mortos pelos nazistas ou explicar com plausibilidade o que é antissemitismo. O resultado foi visto com preocupação porque se julga que o conhecimento sobre o Holocausto pode inibir atrocidades semelhantes no futuro.[8]

[7] COSTA, Rachel. "Ensino do Holocausto ainda é tabu em alguns países". Revista *Educação*, 2 abr. 2015. Disponível em: http://www.revistaeducacao.com.br/ensino-do-holocausto-ainda-e-tabu-em-alguns-paises/ Acesso em: 09/09/15.

[8] *Idem*. Na matéria, é reproduzida a opinião de Ben Helfgott, sobrevivente de campo de concentração e consultor do Centro para a Educação sobre o Holocausto.

O Holocausto ainda é pouco discutido nas escolas ou “limita-se a uma nota de rodapé na abordagem da Segunda Guerra Mundial, não abarcando todos os aspectos inerentes ao tema”[9], apontam os estudiosos. Tal constatação provoca apreensão, porque o estudo do Holocausto possibilita refletir sobre a condição humana e sobre a sociedade em que vivemos, principalmente, se o compreendemos, segundo a tese de Zygmunt Bauman[10], como um fenômeno próprio da racionalidade moderna. "Desse modo, o estudo do Holocausto se justifica porque quem ensina a história o faz sempre a partir de um conteúdo do passado, mas como um objetivo que se estende ao futuro".[11]

Outro argumento em favor do estudo do Holocausto é que sua presença nos currículos escolares pode servir de contraponto às teorias conspiratórias e antissionistas, que questionam a veracidade do extermínio em massa de judeus, propagam o antissemitismo e circulam livremente pela Internet, ao alcance de qualquer um.[12]

Se o Holocausto é pouco estudado nas escolas, tem inspirado, com recorrência, produções midiáticas (revistas, quadrinhos, documentários, filmes, desenhos animados, charges, livros de literatura ficcional e documental etc.) em todo o mundo ocidental, o que, certamente, contribui para o seu conhecimento além dos muros da escola. Não cessam, porém, críticas a sua “estilização”[13], “americanização”[14] e “esterilização”[15], que o tornariam palatável e espetacular para as massas, banalizando a tragédia. O cientista político norte-americano Norman Gary Finkelstein polemiza ao cogitar a existência de uma "Indústria do Holocausto”, inventada em seu país e copiada em tantos outros, que serviria ao lucro material e político de alguns (elite judaica, por exemplo), mas, contraditoriamente, alimentaria o sentimento antissemita.[16]

O historiador norte-americano Graviel D. Rosenfeld, especialista em nazismo e Holocausto, e autor do livro *Hi Hitler! Como o passado nazista tem sido normalizado pela cultura contemporânea*[17], indaga se o tempo não tem sido um aliado de Adolf Hitler e do nazismo, pois cada vez mais tem se feito uma ridicularização do partido nazista e seu líder, tornando o último aceitável, cômico e comum. "Qualquer um que faça uma busca na internet por ’Hitler’ vai encontrar uma enxurrada de representações humorísticas: gatos que se ‘parecem’ com Hitler, uma

---

[9] SILVA, Francisco Carlos Teixeira da e SCHURSTER, Karl. "A historiografia dos traumas coletivos e o Holocausto: desafio os para o ensino da história do tempo presente". *Estudos Ibero-Americanos,* v. 42, n. 2, Porto Alegre: 2016, p. 751.

[10] Zygmunt Bauman afirma haver, aos menos, três formas de entender o Holocausto. Duas, equivocadas (que seriam interpretar o Holocausto como um evento isolado, resultado do sentimento antissemita e circunscrito à perseguição aos judeus, ou como um exemplo extremo de casos semelhantes de preconceito e agressão, próprios do ímpeto violento e primitivo dos homens), isolariam o Holocausto da história, não percebendo tratar-se de um fenômeno só possível dentro da lógica industrial, científica e racional da sociedade moderna, levada a seus extremos (tese correta, em sua visão). BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

[11] PEREIRA, Nilton Mullet e GLITZ, Ilton. *Ensinando sobre o Holocausto na escola*. Porto Alegre: Penso, 2014, p. 17.

[12] COLFFIELD, Lopez Carol. *O Holocausto como tema nos livros didáticos brasileiros*. Realidades e Alternativas. Dissertação de Mestrado em Letras. São Paulo: USP, 2016, p. 28-29.

[13] Conceito adotado por Theodor Adorno.

[14] Conceito sugerido por Norman Gary Finkelstein.

[15] Conceito utilizado por Zygmunt Bauman.

[16] FINKELSTEIN, Norman G. *A indústria do Holocausto*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

[17] ROSENFELD, Graviel D. *Hi Hitler!*: How the Nazi Past Is Being Normalized in Contemporary Culture. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

infinidade de utensílios que parecem Hitler, jogos, memes, vídeos e paródias no You Tube"[18]. Logo, os nazistas, especialmente Hitler, tornaram-se figuras triviais e até risíveis[19]. Uma abordagem mais reflexiva do nazismo e, particularmente, do Holocausto, pela literatura didática, poderia oferecer, também, contraponto às caricaturas sobre os mesmos propagados pela mídia.

À cinematografia cabe uma deferência particular, pois as produções sobre o Holocausto são frequentes, iniciando-se já na década de 1940, com as imagens documentadas pelos Aliados, reunindo, desde então, inúmeros títulos em todo mundo. Possivelmente, é através das películas, quase sempre agraciadas por parte da crítica e pelo público, que as gerações mais recentes conhecem o fenômeno, seja o "Holocausto-espetáculo de Steven Spielberg (*A Lista de Shindler*, 1993), o Holocausto-burlesco de Roberto Benigni (*A vida é bela*, 2008) e até mesmo o Holocausto-populista de Jayme Monjardim (*Olga*, 2004)"[20]. O cinema comercial, portanto, encontrou meios de trazer um tema tão duro e indigesto para a "sessão da tarde". Nas telas, o Holocausto tornou-se entretenimento e o seu consumo alimenta sentimentos e, por que não dizer, conhecimentos diversos.

O presente texto, inclusive, toma a metade da década de 1990 como baliza de divisão dos livros didáticos analisados, pois, através deles e dos estudos consultados, concluímos que o período é um marco na popularização do Holocausto. Destaca-se o lançamento, em 1993, do filme *A Lista de Shindler*, um drama de mais de três horas de duração que arrematou diversos prêmios e foi um fenômeno de bilheteria global.[21] Após o filme, o Holocausto se consolidou no imaginário social (constantemente alimentado por novas produções) e motivou ações em favor do conhecimento e da preservação da história e memória do Holocausto no mundo todo, encabeçadas, muitas, pelo próprio Steven Spielberg, "que tomou pra si o lugar de 'especialista' ou mesmo de porta-voz das vítimas da Shoah"[22]. Além disso, em meados dos anos de 1990, iniciam-se as políticas de avaliação dos livros didáticos, com vistas a sua aquisição pelo Estado brasileiro (nos referimos ao Plano Nacional do Livro Didático – PNLD), que passaram a orientar (e controlar mais) a feitura desses materiais.[23]

Diante da provocação das pesquisas citadas, procuramos, pois, descobrir, através de uma pequena amostragem, como a literatura didática abordou o Holocausto, nas últimas décadas,

---

[18] *Idem*. Tradução livre.

[19] *Idem*.

[20] BEZERRA, Júlio. "A moral da memória: quando o cinema vai ao Holocausto". *Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos*, v. 12, n. 1, São Leopoldo/RS: 2010, p. 15.

[21] KURTZ, Adriana Schryver. "Cultura de consumo e representação em 'A lista de Schindler' (ou como embalar um produto de sucesso sobre a memória do holocausto)". *Razón Y Palabra*. n. 73. 2010. Disponível em: http://www.razonypalabra.org.mx/N/N73/Varia73/38Schryver_V73.pdf. Acesso em: 12/05/2017.

[22] KURTZ, Adriana Schryver. "Como consumir - com prazer estético - os testemunhos do Holocausto: uma avaliação crítica sobre a *Fundação Survivors of the Shoah*". *E-COmpós*. v. 13, n. 2. Brasília: 2010. Disponível em: http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/495/449. Acesso em: 15/05/2017.

[23] OLIVEIRA, Margarida Dias de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. *O Livro Didático de História*: políticas educacionais, pesquisa e ensino. Natal: EDUFRN, 2007.

compreendendo que os manuais, geralmente, pautam o currículo real[24] das escolas no Brasil. Metodologicamente, quatro questões, ao menos, nortearam a análise dos livros consultados: Quais episódios são relacionados à Segunda Guerra Mundial? Quando o Holocausto é um desses episódios, quais as informações relacionadas a ele? Que interpretações justificam o Holocausto? Além do texto principal, outros documentos (escritos ou não) buscam informar sobre (e esclarecer) o Holocausto?

A delimitação temporal se definiu pelos volumes que se teve acesso[25] (adotou-se o ano indicado na ficha catalográfica, pois, nem sempre, foi possível identificar a data da primeira edição, tratando-se de edições indicadas como "revisadas" e/ou "atualizadas"). Os exemplares foram organizados em sequência, sendo o mais antigo datado de 1964 e o mais recente, de 2011. Intencionalmente, e na medida do possível, buscaram-se títulos de autores e editoras variados.

É importante esclarecer que esta análise não se preocupou com a produção das obras (não observando, por exemplo, a formação dos autores ou a filosofia educacional das editoras) nem com a sua recepção (não recolhendo dados sobre o número de exemplares vendidos, tempo de circulação no mercado, e possível avaliação e compra pelo Estado). Tais informações certamente seriam pertinentes, mas, infelizmente, extensas para um trabalho monográfico ou um artigo.

Todos os títulos consultados são indicados para o Ensino Fundamental II (Ginásio – 1º Grau) e Ensino Médio (Colegial – 2º Grau). Abaixo, listamos numa tabela as referências dos livros didáticos analisados:

LISTA DOS LIVROS DIDÁTICOS					
	ANO	**Ed.**	**TÍTULO**	**AUTOR**	**EDITORA**
1960	1964	4ª	*História Geral*	Victor Mussumeci	Editora do Brasil S/A
	1967	4ª	*História Geral*	Joaquim Silva	Companhia Editora Nacional
1970	1974	5ª	*História Geral*	Paulo Miranda Gomes, Nelson de Moura e Alaide Inah Gonzalez	Livraria Lê Editora Ltda
	1975	11ª	*História Geral*	Osvaldo Rodrigues de Souza	Ática
	1979	1ª	*História das Civilizações*	Fernando Saroni Vital Darós	FTD S.A

[24] Compreendemos o currículo formal como aquele determinado pelo Estado (presente nas diretrizes educacionais e considerado na pesquisa da revista *Educação*) e o currículo real como aquele constituído pelas práticas de ensino dos professores em sala de aula (há, ainda, o currículo oculto, formado pelo conteúdo apreendido pelos alunos em outros meios de socialização).

[25] Os livros didáticos utilizados nesta pesquisa foram disponibilizados pela biblioteca da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC, pela biblioteca pública da cidade de Quixadá, pelas bibliotecas das escolas centrais da cidade e pelos professores Dra. Isaíde Bandeira da Silva e. Dr. Tácito Thadeu Leite Rolim (acervo pessoal).

1980	1988	1ª	*História Moderna e Contemporânea*	Milton Benedicto Barbosa Filho, Maria Lúcia Santiago Stockler	Scipione
1990	1990	2ª	*História Geral*	Francisco de Assis Silva	Moderna
	1992	21ª	*História Moderna e Contemporânea*	Osvaldo Rodrigues de Souza	Ática
	1994	1ª	*História Geral*	Borges Hermida	FTD
	1995	1ª	*História Geral*	Alfredo Boulos Júnior	FTD
	1997	11ª	*História e Consciência do Mundo*	Gilberto Cotrim	Saraiva
	1999	1ª	*História Uma Abordagem Integrada*	Nicolina Luiza de Petta e Eduardo Aparicio Baez Ojeda	Moderna
2000	2003	2ª	*História*	Divalte Garcia Figueira	Ática
	2005	1ª	*História*	Heródoto Barbeiro, Bruna Renata Cantele, Carlos Alberto Schneeberger	Scipione
	2005	2ª	*História Geral e Brasil*	José Geraldo Vinci De Moraes	Atual
2010	2010	1ª	*Estudos de História*	Ricardo De Moura Faria, Mônica Liz Miranda, Helena Guimarães Campos	FTD
	2011	1ª	*História*	Gislane Campos Ezevedo, Reinaldo Seriacopi	Ática

De modo geral, os livros consultados dedicam um capítulo para a Segunda Guerra Mundial, com, em média, entre quatro e dez páginas. A diferença de diagramação e de qualidade da impressão é evidente entre os últimos e os primeiros volumes. Portanto, os mais recentes possuem bem mais cores, imagens e caixas complementares com glossários, dicas, documentos e atividades extras associadas ao texto principal. Entretanto, é perceptível, em todos os volumes, a intenção de apresentar uma narrativa com começo (geralmente os antecedentes do conflito), meio (a guerra propriamente dita) e fim (os acordos de paz e outros desdobramentos). Majoritariamente, prevalecem fatos e explicações de natureza política e militar. A ordem cronológica é a que se sobressai, sendo, também, adotada neste artigo, na intenção de propiciar um melhor entendimento da pesquisa.

Livros Didáticos Até a Metade da Década de 1990: A Omissão do Holocausto

Os livros da década de 1960 selecionados para essa pesquisa são *História Geral*[26], de Victor Mussumeci, do ano de 1964, e *História Geral*[27], assinado por Joaquim Silva, do ano de 1967. Além de possuírem o mesmo título, nomeiam, igualmente, de "A Guerra de 1939", o capítulo que dedicam à Segunda Guerra Mundial.

Na obra de Joaquim Silva, o referido capítulo possui o dobro de páginas (um total de dez) do capítulo do livro de Victor Mussumeci, mas as causas e as consequências elencadas para o conflito são semelhantes. Nas duas narrativas não é evidente a relação entre o primeiro conflito (a Grande Guerra) e o segundo (Guerra de 1939), como futuramente se tornaria convencional. Segundo Vitor Mussumessi, o que motivou a guerra foi o "nacionalismo exaltado"[28] de Alemanha, Itália, Rússia e Japão, e a violação dos tratados de Versalhes e Munique (especialmente, por parte da Alemanha). Já Joaquim Silva inicia sua narrativa com o "início da luta"[29], marcada pela "agressão feita à Polônia"[30] (para Vitor Mussumessi, é apenas um estopim). Nas duas narrativas há uma cronologia das ações militares e acordos políticos. Joaquim Silva, entretanto, é bem mais detalhista e inclui a participação "das forças brasileiras"[31] e seus "brilhantes triunfos"[32] em solo europeu, como a "ação magnífica da tomada de Monte Castelo"[33]. Os textos se assemelham também na menção ao lançamento das duas bombas atômicas sob o Japão, que pôs fim à guerra.

O Holocausto não é mencionado nas duas obras. Joaquim Silva informa que na "Palestina fundou-se a república de Israel"[34], como uma das consequências da guerra, sem que haja qualquer explicação para o fato.

O volume *História Geral*[35], de 1974, assinado por Paulo Miranda Gomes, Nelson de Moura e Alaíde Inah Gonzalez, divide em três partes o capítulo sobre a Segunda Guerra Mundial, intitulado "Os estados totalitários e a luta contra as nações democráticas – a contribuição americana". Num primeiro momento, seis páginas são destinadas aos acontecimentos anteriores à guerra. Ganham destaque a ascensão do fascismo, na Itália, e do nazismo, na Alemanha, e as divergências entre totalitários e democratas. Segundo o texto, as nações democráticas "vencedoras do Conflito de 1914-1918, tentando deter o avanço do socialismo, mais uma vez favoreceram a

26 MUSSUMECI, Victor. *História Geral*. 4º Ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1964.
27 SILVA, Joaquim. *História Geral*. 4º Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
28 MUSSUMECI, Victor. *Op. cit*., p. 282.
29 SILVA, Joaquim. *Op. cit*., p. 528
30 *Idem*.
31 *Ibidem*, p. 535.
32 *Idem*.
33 *Idem*.
34 *Idem*.
35 GOMES, Paulo Miranda; MOURA, Nelson de e GONZALEZ, Alaíde Inah. *História Geral*. 5º ed. Belo Horizonte: Livraria Lê Editora, 1974.

política de expansão de Alemanha, Itália e Japão"[36], uma política errônea e ineficaz, pois não impediu a guerra. Duas outras páginas descrevem a guerra propriamente dita, diferenciando os acontecimentos da Europa e da Ásia. As últimas três páginas, por sua vez, são dedicadas ao pós-guerra e suas consequências imediatas – conferências, pactos e criação de organizações mediadoras, como a Organização das Nações Unidas (ONU), em 1945, e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), em 1949 –, além de processos mais complexos, como a descolonização da Ásia e da África, e a Guerra Fria. Novamente, a palavra "holocausto" não é mencionada no texto, mas a estratégia de Adolf Hitler de denunciar "os estrangeiros, os marxistas e os judeus, como responsáveis pelos males da Alemanha"[37], e a adoção de uma política racista e de perseguição aos judeus pelo Estado nazista, não são ignoradas:

> **estabelecimento do estado racista** – baseado na idéia da pureza racial dos germânicos, que seriam os mais autênticos representantes da superior raça ariana, surge, em 1933, o anti-semitismo oficial. Em 1935, as "leis de Nuremberg" privavam os judeus de seus direitos políticos.
> **nazificação da cultura** – para tanto, tomaram-se várias medidas, entre as quais a interdição e destruição de obras artísticas, científicas e literárias não autenticamente germânicas (…). [38] (grifos do autor)

Está claro na narrativa que o Estado nazista perseguiu judeus por considerá-los de uma raça inferior, contudo, as consequências mais drásticas da política racial não são descritas, induzindo o leitor a acreditar se tratar apenas de perda de direitos políticos e da destruição de bens culturais não germânicos.

O livro *História Geral*[39], do ano de 1975, de autoria de Osvaldo Rodrigues Souza, possui 400 páginas, apenas quatro retratando a Segunda Grande Guerra. A narrativa, portanto, é bem resumida. O título do capítulo é "A Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945)", com seis causas a justificando: a política de alianças, os choques ideológicos entre fascismo, nazismo e bolchevismo, o inconformismo da Alemanha com o Tratado de Versalhes – "que provocou ressentimentos e ódios"[40] –, o imperialismo econômico, o novo militarismo e a Crise de 1929 (também apontada no texto de Paulo Miranda Gomes, Nelson de Moura e Alaíde Inah Gonzalez). Para nenhuma das causas elencadas é apresentada uma explicação, sendo, na seqüência, já descritas as fases da guerra. A participação do exército brasileiro é destacada, mas sem exaltação. O restante do texto se detém nos acordos de paz, na criação da ONU e em outros desdobramentos políticos e diplomáticos. Por fim, é apontado como consequência da guerra "um

[36] *Idem*, p. 268.
[37] *Ibidem*, p. 265.
[38] *Ibidem*, p. 266.
[39] SOUZA, Osvaldo Rodrigues de. *História Geral*. 11º ed. São Paulo: Ática, 1975.
[40] *Idem*, p. 366.

grande número de mortos, por meio de execuções, assassinatos, fome, doenças"[41]. Apesar de ficar subentendido que se trata de baixas civis, o texto não esclarece em que condições elas se deram e quais grupos foram mais atingidos. Novamente, o Holocausto não aparece na narrativa.

Vale destacar que esse é o primeiro volume que apresenta duas fotos associadas ao conflito (as edições comentadas anteriormente não eram ilustradas): em uma, Harry Truman, Joseph Stalin e Winston Churchill – representando os países vencedores – são retratados selando a paz na Conferência de Postdam; na outra, a sede da ONU é vista em plano aéreo.

A *História das Civilizações*[42], de 1979, assinado por Fernando Saroni Vital Darós, destinou quatro páginas para o capítulo "A II Guerra Mundial". O texto, bastante ilustrado com mapas e desenhos, inicia-se defendendo que a Segunda Guerra é uma "triste" consequência do conflito anterior, só que "ainda mais violento e de proporções gigantescas"[43]. O clima de revanchismo, o surgimento dos estados fascistas, a Crise de 1929 e a inoperância da Liga das Nações Unidas em mediar os interesses das grandes potências, segundo Fernando Saroni Vital Darós, promoveram a formação de alianças que culminaram com o rompimento dos tratados existentes e novas ações militares. A eficiência do exército alemão é salientada e as principais batalhas da guerra ditam a narrativa. Ao final do capítulo, em um quadro destacado como "PAINEL DE ANOTAÇÕES", pode-se ler: "Os nazistas, de modo especial, levaram aos extremos da violência sua agressividade bélica e seu racismo: bombardeios de cidades abertas, fuzilamento em massa de civis, torturas, campos de concentração e o massacre de cerca de 5 milhões de judeus".[44]

Apesar de resumida, observa-se que, pela primeira vez, entre os títulos selecionados, foi encontrada uma menção direta ao Holocausto (ainda que não se use tal conceito). A morte dos judeus, entretanto, é apontada apenas como um dado para destacar a força e a violência do nazismo. Mesmo expondo dois conceitos importantes para compreensão do Holocausto, "racismo" e "campo de concentração", o texto não os define, não os contextualiza e nem os relaciona.

Ao lado do comentário transcrito, observa-se ilustração (ver Figura 2) que descreve uma vala e duas soldados a preenchendo com corpos humanos. Mesmo que, originalmente, de definição pouco nítida e diminuta, a imagem busca representar o horror do extermínio em massa. Dentre os livros examinados, *História das Civilizações,* de Fernando Saroni Vital Darós, é, pois, também, o primeiro a associar uma imagem ao massacre.[45]

---

41 *Ibidem*, p. 368
42 DARÓS, Fernando Saroni Vital. *História das civilizações*. São Paulo: FTD, 1979.
43 *Idem*, p. 188.
44 *Ibidem*, p. 91
45 É possível ponderar que, dentre os livros consultados, esse é o único da década de 1970 (publicado, note-se, no seu último ano), já que os dois livros de *História Geral* daquela década examinados, apesar de datados de 1974 e 1975 (edições revisadas), por estarem, respectivamente, na quinta e décima primeira edição, foram, muito possivelmente, escritos na década de 1960.

Figura 2: Ilustração de Ivan Wasth Rodrigues (s/d), no livro *História das Civilizações,* 1979.



Massacre de judeus (Polônia)

A obra *História Moderna e Contemporânea*[46], do ano de 1988, de autoria de Milton Benedicto Barbosa Filho e Maria Lúcia Santiago Stockler, publicada nove anos após o título anterior, reserva seis páginas para o capítulo "A II Guerra Mundial". O livro traz explicações sobre os antecedentes da guerra, destacando a pouca eficiência da Liga das Nações Unidas para garantir a paz, a influência alemã na Guerra Civil Espanhola e o pacto de não agressão da Alemanha com a URSS. Na seqüência, o texto se concentra no decorrer da guerra, destacando as vitórias e derrotas das forças militares envolvidas. O lançamento das bombas nucleares é um dos principais destaques.

O Holocausto não ser mencionado no texto é um espanto, por se tratar de um volume publicado nove anos depois de um que o fazia, evidenciando-se descontinuidade na adoção do tema pela literatura didática.

O livro intitulado *História Geral*[47], de 1990, assinado por Francisco de Assis, possui oito páginas destinadas ao capítulo "A Segunda Guerra Mundial". A narrativa inicia com a indicação

[46] FILHO, Milton Benedicto Barbosa. STOCKLER, Maria Lúcia Santiago. *História Moderna e Contemporânea*. São Paulo: Editora Scipione, 1988.
[47] SILVA, Francisco de Assis. *História Geral*. 2º ed. São Paulo: Moderna, 1990.

dos "fatores determinantes" para o conflito, como a continuidade dos problemas políticos, econômicos e sociais não resolvidos na Primeira Guerra, a Crise de 1929 e a ascensão dos regimes de extrema-direita. Diferentemente de outras obras, o autor busca encadear os fatos e a narrativa é mais fluida e argumentativa. A guerra é dividida em dois intervalos, 1939-1941 e 1941-1945, e, no último, é destacada a entrada dos Estados Unidos na guerra, como reação ao ataque à Pearl Harbour, e o lançamento de bombas atómicas sob Hiroshima e Nagasaki.

Nas duas ultimas páginas, em um quadro de leitura complementar, há o poema “Cruzada de crianças”, de Bertolt Brecht (não se informa a data dele), que faz menção aos acontecimentos ocorridos na Polônia, após 1939, sob a ótica das crianças. Um dos versos diz: “Um menino judeu que ia no bando, com a sua jaqueta de veludo, fora criado com o pão do mais alvo e se arranjava contudo”.[48] A fonte, entretanto, não se relaciona com o texto principal, não havendo referência direta ao antissemitismo ou à violência imposta aos judeus.

Do ano de 1992, o livro *História Moderna e Contemporânea*[49]*,* de autoria de Osvaldo Rodrigues de Souza, relata a guerra em seis páginas, no capítulo “Segunda Guerra Mundial (1939-1945)”. No início, deixa explícito que o conflito foi motivado, especialmente, pelo governo nazista, que "alimentava ambições expansionistas, isto é, pretendia apoderar-se de áreas vizinhas, a fim de construir uma grande potência”[50]. Adolf Hitler é retratado como um líder movido pelo ódio, bastante influente e com pretensões dominadoras. Tal representação não é incomum em outras obras didáticas, algumas enfatizando mais e outras menos o papel do führer no destino da guerra. [51] Apesar desse perfil, impressiona o fato das narrativas silenciarem sobre o Holocausto, cuja menção poderia, inclusive, reforçar a caráter odioso do líder nazista. *História Moderna e Contemporânea*, não traz qualquer explicação sobre o Holocausto, mas informa que uma judia-alemã, chamada Olga Benário, esposa do líder comunista brasileiro Luís Carlos Prestes, foi entregue à Gestapo e "morreu em uma câmara de gás, unicamente pelo fato de ser judia e comunista"[52]. Um leigo no tema dificilmente entenderia o sentido dessa execução, surpreendendo que o texto não a problematize ou a contextualize, preocupando-se mais em destacar a simpatia de Getúlio Vargas pelos governos fascistas (inclusive tendo colaborado com a Alemanha), até decidir-se pelos Aliados.

48 Segundo o texto, o poema foi retirado do livro *Poemas e Canções*, de 1966. *Idem*, p. 157.
49 SOUZA, Osvaldo Rodrigues de. *História Moderna e Contemporânea*. 21º ed. São Paulo: Ática, 1992.
50 *Idem*, p. 136.
51 O suicídio de Hitler, em 1945, ano do fim da guerra, é, recorrentemente, lembrado, o que evidência essa leitura.
52 SOUZA, Osvaldo Rodrigues de. *Op. cit.*, p. 141.

Livros Didáticos a Partir da Metade da Década de 1990: As Narrativas Sobre o Holocausto

Dois livros de mesmo título, *História Geral,* da editora FTD, um de 1994, assinado por Borges Hermida,[53] e outro de 1995, de autoria de Alfredo Boulos Jr.[54], igualmente dedicam capítulos à Segunda Guerra Mundial, mas se distanciam no que se refere à abordagem do Holocausto. O primeiro o silencia por completo, enquanto o segundo não apenas o menciona como, pela primeira vez entre os títulos consultados, ilustra o tema com uma foto.

O capítulo sobre a Segunda Guerra escrito por Alfredo Boulos Jr. possui seis páginas e se intitula “A Segunda Guerra Mundial”. No início do capítulo, percebe-se já uma mudança em relação às narrativas anteriores. Ao invés de enumerar explicações para a guerra, começa com uma frase de Winston Churchill: “Esta guerra de fato é uma continuação da anterior”. Ainda que tal questão já tivesse sido abordada em outros livros citados, até então, não havia se dado tanto peso à continuidade entre o primeiro e o segundo conflito. O texto destaca que a política imperialista de França e Inglaterra não contemplava os interesses da Itália, Japão e Alemanha, e que os dois países manobravam a Liga das Nações para manter “intacta a ordem internacional que os beneficiava"[55]. Essa interpretação é relevante porque não limita a “culpa" da guerra às potências do Eixo, especialmente seu ímpeto expansionista e violência bélica (sobretudo a alemã). França e Inglaterra, que, costumeiramente, apareciam como defensoras de uma política de conciliação, que visava proteger a Europa de outra guerra e o mundo do socialismo, passam a ter outros interesses, inconfessáveis, como o de manter os domínios territoriais na África e na Ásia. Desse modo, a motivação da guerra é apresentada com mais complexidade.

Vale ressaltar que o texto não dispensa a tradicional descrição das fases da guerra e das estratégias militares mais bem sucedidas. E que, embora de forma sucinta, no final do capítulo consta a informação de que cinquenta milhões de pessoas perderam a vida na guerra, dentre elas seis milhões de judeus, que foram “cruelmente exterminados nos campos de concentração nazistas"[56]. Depois de expor esse dado, o livro apresenta a imagem de um prisioneiro em cerca de arame farpado de campo de concentração (ver Figura 3).

[53] HERMIDA, Borges. *História Geral*. São Paulo: FTD, 1994.
[54] BOULOS, Alfredo Jr. *História Geral*. Moderna e Contemporânea. São Paulo: FTD, 1995.
[55] *Idem*, p. 191.
[56] *Ibidem*, p. 195.

Figura 3: foto de Auschwitz (s/d), no livro *História Geral*, 1995.



Apesar da legenda pouco esclarecedora e da ausência de justificativa para o extermínio em massa, é um diferencial a presença de foto relacionada diretamente ao Holocausto, assim como a menção ao nome de um dos campos de concentração nazistas.

O próximo livro a ser analisado é do ano de 1997 e se intitula *História e Consciência do Mundo*[57], de Gilberto Cotrim. O capítulo pesquisado, que possui dez páginas e se denomina "Segunda Guerra Mundial", tem um número maior e mais diversificado de imagens (desenhos, fotos, caricaturas, pinturas e cartazes), além de sugestões de atividades que fogem a perguntas cujas respostas se encontram no próprio texto do livro. É pedido, por exemplo, aos alunos, que entrevistem uma pessoa que viveu no período da guerra e realizem uma pesquisa em revistas, jornais e livros sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki. Também são indicados filmes relacionados à guerra, inclusive ao Holocausto. São eles: *A Lista de Schindler* e *Amarga Sinfonia de Auschwitz* (telefilme de 1980).

No final do capítulo, é dito que "aproximadamente 6 milhões de judeus foram barbaramente exterminados pelos nazistas nos campos de concentração de Auschwitz, Chelmmo, Belzec, Sobibor e Treblinka."[58] A informação está acompanhada de um quadro, destacado em verde, que conceitua campo de concentração como "local onde os nazistas aprisionavam os judeus"[59]. Porém, no texto principal, é esclarecido "que antes de desaparecer nos crematórios, os prisioneiros judeus eram vítimas dos mais terríveis tipos de humilhação e suplício"[60]. O quadro verde acrescenta que filmes como *O Holocausto* (sem qualquer outra referência além do título[61])

---

57 COTRIM, Gilberto. *História e Consciência do Mundo*. 11º ed. v. 2. São Paulo: Saraiva, 1997.
58 *Idem*, p. 178.
59 *Idem*.
60 *Idem*.
61 Acreditamos que se trata, na verdade, da premiada minissérie norte-americana, exibida em 1978.

relata "todo tipo de tortura, maus tratos, humilhações – crimes hediondos" [62] a que os judeus foram submetidos nos campos de concentração. Por fim, no texto principal, o tribunal de Nuremberg também é lembrado, informando-se que vários líderes nazistas capturados foram condenados por crimes contra a humanidade, sendo onze punidos com a morte. Ou seja, a narrativa apresenta as vítimas fatais (seis milhões de mortos), seus criminosos (líderes nazistas), os tipos de crimes cometidos (tortura, humilhação, maus tratos, assassinatos), o lugar onde ocorreram (campos de concentração) e a punição aos culpados (julgamentos e condenações de morte). Ela, contudo, não oferece uma interpretação para os fatos e nem estimula o seu questionamento. Não há menção direta ao antissemitismo, ao tempo de duração da política racial e suas duras restrições, ao número de vítimas (e não de mortos) e aos diferentes grupos que as compunham (formado não só por judeus).

Além do texto, chama atenção (ver Figura 4) a imagem de um cartaz de propaganda nazista que sugere haver um pacto entre capitalistas (judeus, segundo a legenda) e socialistas para dominar a Europa, em benefício dos judeus. Entretanto, o texto principal não questiona a veracidade da informação sugerida na legenda e no cartaz, o que pode levar o leitor a acreditar na existência de tal pacto. Além disso, não há qualquer informação sobre como a propaganda nazista era usada para estimular o antissemitismo. Desse modo, é possível que o leitor conclua, por exemplo, que os nazistas apenas se defendiam de conspiradores.

Figura 4: Cartaz de propaganda nazista (s/d) no livro *História e Consciência do Mundo*, 1997.



[62] COTRIM, Gilberto. *História e Consciência do Mundo*. *Op. cit*., p. 178.

O livro *História: uma abordagem Integrada*[63]*,* do ano de 1999, tem Nicolina Luiza de Petta e Eduardo Aparicio Baez Ojeda como autores. O capítulo dedicado ao conflito chama-se “A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a criação do Estado de Israel”. No tópico “Nos antecedentes da guerra”, o texto divide os países em três blocos “de identidade ideológica própria”[64] (os democráticos Inglaterra, Franca e Estados Unidos; os fascistas Itália e Alemanha; e as repúblicas socialistas da União Soviética) e ressalta que os ditadores de Itália e Alemanha tinham intenções “imperialistas" e “truculentas”, citando, como exemplo, no segundo paragráfo, que “nazistas já perseguiam judeus sem que os países democráticos interferissem em suas ações”[65]. A julgar pelo título, que faz menção à criação de Israel, e pela última passagem citada, fica clara a intenção dos autores de alçar o Holocausto a um status de maior importância na narrativa da Segunda Guerra Mundial.

A suspeita se confirma. Um quadro, destacado na cor azul, intitulado “O holocausto”, traz informações e questionamentos relevantes sobre o tema. Primeiro, argumenta que “grande parte da população” apoiou os Estados (sem citar quais) que buscaram a guerra, logo, o conflito é “fruto da ação humana”[66] (e não somente de governos, como fica subentendido); e que atos que "ultrapassam nossa capacidade de compreensão”[67] foram cometidos. O texto, portanto, busca não limitar as ações da guerra às decisões dos governantes (políticos e militares), dividindo a responsabilidade delas com a população. Na seqüência, intenciona-se criar empatia e/ou indignação ao se ponderar que não há como ficar imune aos dados e aos relatos do Holocausto. As vítimas, por sua vez, deixam de se limitar aos judeus, passando a incluir “ciganos, poloneses, homossexuais, intelectuais”, e também se informa que poderiam ser de qualquer faixa etária, incluindo crianças e velhos. Há também a pretensão de ressaltar não só o sofrimento físico, mas psíquico, das vítimas, quando se afirma: “Jovens fortes sendo obrigados a colocar seus pais e irmãos mais novos, os mais debilitados, para morrer nas câmaras de gás”.[68]

Ao final, a pergunta “Que tipo de ser faz isso com seus semelhantes?” é acompanhada de foto que retrata crianças no campo de concentração de Auschwitz. Na legenda, faz-se mais uma indagação: “Como entender esse fato?”[69]. As indagações do texto e da legenda instigam a crítica, mas a direcionam para uma interpretação moral do Holocausto, que nada mais revelaria além da maldade e da barbárie humana, leitura válida, porém limitada.

---

[63] PETTA, Nicolina Luiza de. OJEDA, Eduardo Aparicio Baez. *História:* uma abordagem integrada. São Paulo: Moderna, 1999.
[64] *Idem*, p. 234.
[65] *Idem*.
[66] *Ibidem*, p. 235.
[67] *Idem*.
[68] *Idem*.
[69] *Idem*.

Figura 5: Judeus em Auschwitz (s/d), no livro *História: uma abordagem integrada*, 1999.



Judeus no campo de concentração de Auschwitz, na Polônia, em 1945. Como entender esse fato?

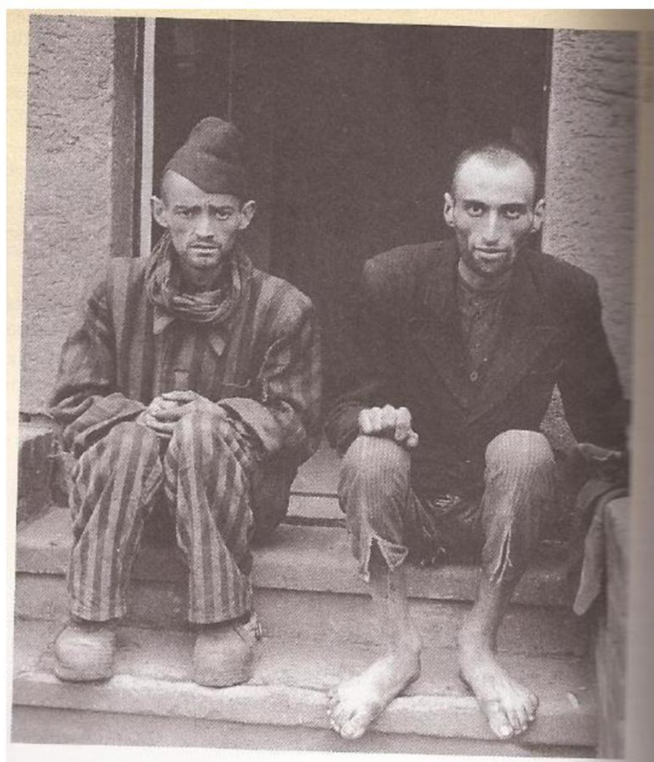
Mais à frente, no tópico “A formação do Estado de Israel", é explicado que os hebreus, antepassados dos judeus, habitaram a Palestina, na Antiguidade, contudo, após a região ser dominada pelos romanos, se dispersaram pelo mundo. Desde então, os judeus se tornaram um povo “sem pátria” e os árabes ocuparam a região. Após essa explicação, a narrativa segue com a afirmação de que as autoridades internacionais (incluindo líderes católicos) sabiam da existência dos campos de concentração e da morte em massa de judeus, graças aos serviços de espionagem, mas se calaram. Para os autores, a mea culpa das autoridades se efetivaria, exatamente, na criação de um Estado para os judeus (“que já vinha sendo discutido desde o começo do século XX”[70]), logo após o conflito. Entretanto, a chegada dos judeus a Israel gerou um confronto com os palestinos, “que passaram a ser um povo sem pátria, como os judeus haviam sido durante quase dois mil anos”[71]. A passagem desloca o Holocausto para o presente, ao relacioná-lo com os conflitos árabe-israelenses. Destacamos, entretanto, que ao identificar os judeus como “sem pátria”, o texto pode levar o leitor a crer que se tratavam de “intrusos”, de “não-cidadãos" da Alemanha (e de outros países da Europa), ocupando um território que não lhes pertencia,

[70] *Ibidem*, p. 239.
[71] *Idem*.

quando, na verdade, eles se reconheciam como alemães (assim como com as outras nações onde habitavam). Interpretação equivocada e que apenas reforça os argumentos da política racial nazista. Por outro lado, é muito positiva a preocupação dos autores de explicar, ainda que parcialmente, o que ocorreu com os judeus após a guerra.

O livro *História*[72], de 2003, de Divalte Garcia Figueira, destinou sete páginas para relatar os acontecimentos da guerra, no capítulo "A Segunda Guerra Mundial". Já na primeira página, um quadro, destacado em amarelo, com o título "Pare, Olhe, Reflita", diz que, logo após a guerra, o mundo descobriu os campos de extermínio nazistas, onde foram "recolhidos não apenas judeus, mas todos aqueles que manifestavam oposição a Hitler"[73]. Embora milhões tivessem sido mortos, o texto informa que os Aliados encontraram sobreviventes, como evidencia uma foto que mostra dois deles (ver Figura 6).

Figura 6: Sobreviventes do Holocausto (14/04/1945), no livro *História*, 2003.



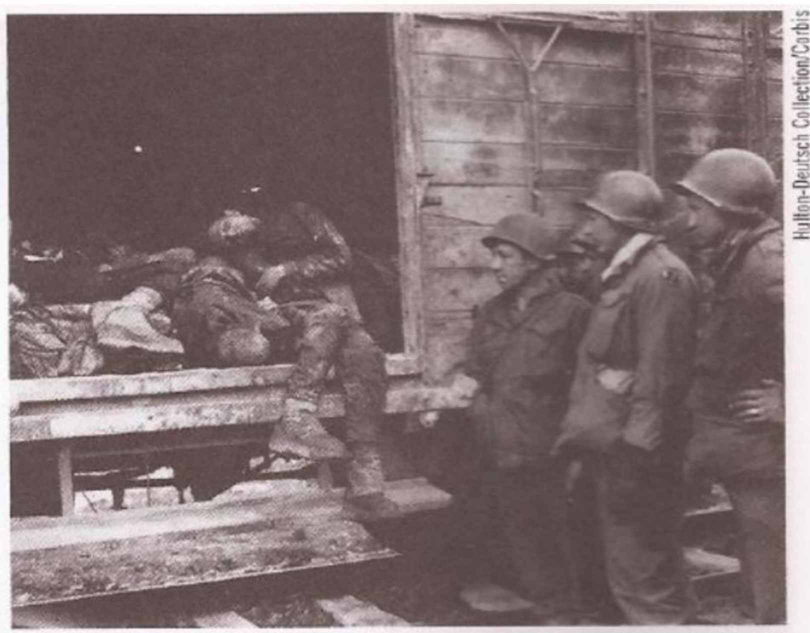
Acompanhando a foto, há orientação para que o leitor "reúna-se com seus colegas e descrevam as condições em que esses sobreviventes foram encontrados. Depois discutam a questão: Cenas como essa ainda podem se repetir na história da humanidade? Justifique sua

[72] FIGUEIRA, Divalte Garcia. *História*. 2º ed. São Paulo: Ática, 2003.
[73] *Idem*, p. 324.

resposta"[74]. A abordagem metodológica aponta para uma construção do conhecimento conjunta entre o texto didático e o seu leitor. Há, também, um cuidado diferenciado com a apresentação da imagem, informando-se sua datação e o contexto de sua produção. A foto não só ilustra o texto, é uma fonte que serve à compreensão do tema abordado. A indagação, por sua vez, leva o Holocausto para outros tempos, outros lugares, isto é, para uma compreensão a partir do presente.

Em página posterior, há outro quadro, destacado em amarelo, com o título "Genocídio", informando que, nos campos de concentração, os alemães colocaram em prática um plano, chamado de "solução final", que vitimou seis milhões de judeus. Na mesma página, uma segunda foto retrata prisioneiros de campo de concentração mortos (ver Figura 7). Ela é acompanhada da seguinte legenda: "Cenas de apavorante horror foram testemunhadas pelas tropas aliadas que vistoriaram os campos de concentração nazistas no fim da Segunda Guerra Mundial. Na foto, datada de 3 de maio de 1945, soldados norte-americanos contemplam prisioneiro polonês morto no campo de Dachau".

Figura 7: Mortos em Dachau (s/d), no livro *História*, 2003.



\

Na última página do capítulo, em um quadro complementar, com o título "A seção dos judeus", é apresentado um panfleto, de 1944, produzido pela União dos Judeus pela Resistência e Ajuda Mútua e direcionado aos judeus de Lyon (interior da França), com o alerta de que vários

[74] *Idem*.

estão sendo presos e mortos pela Gestapo, a polícia nazista. É pedido a eles que fiquem vigilantes, se escondam ou se alistem para lutar junto à resistência.

Esse panfleto é um elemento singular na narrativa didática sobre o Holocausto consultada, pois os judeus deixam de ser meros sujeitos passivos e vitimados, assumindo, de alguma forma, um papel ativo. São conscientes da violência sofrida, denunciam-na e buscam meios de escapar ou de resistir. Certamente, o texto poderia ser mais explícito quanto às organizações de resistência judaicas, revoltas ou mesmo às tentativas de negociação com os nazistas.

Outro título, *História*[75], de 2004, escrito por Heródoto Barbeiro, Bruna Cantele Renata e Carlos Alberto Schneeberger, narra a guerra em nove páginas. O capítulo, intitulado de "A Segunda Guerra Mundial", faz um relato da expansão territorial alemã para explicar o início da guerra. O texto concentra-se nos alemães, destacando os ataques nazistas bem sucedidos e o seu enfraquecimento no fim da guerra. Não deixa, entretanto, de comentar o lançamento, pelos EUA, das bombas atômicas no Japão, a criação da ONU, assim como o começo da rivalidade entre Estados Unidos e União Soviética.

O tema do Holocausto só aparece na última página do capítulo, depois das atividades sugeridas, em um quadro relativamente pequeno, que expõe brevemente o extermínio dos judeus nas câmaras de gás. É dito que os corpos dos mortos eram utilizados como matéria-prima para a indústria (ossos e cabelos), e que até mesmo a sua gordura serviria para alimentar o fogo que incineraria as próximas vitimas. Motivos para explicar porque milhões de judeus foram exterminados não são apresentados. A narrativa, portanto, mais espetaculariza o horror dos campos de concentração do que fornece informações sobre o Holocausto ou o problematiza. No final, nas sugestões de filmes, são indicados *A Lista de Schindler* e *A vida é bela*.

Vale ressaltar que, em vários momentos, durante o capítulo, o Holocausto poderia ser incluído no texto principal. Por exemplo, quando se informa que o cinema era uma arma de propaganda para os regimes nazi-fascistas. O teor antissemita dos filmes é ignorado; caso não fosse, a informação ajudaria o leitor a compreender o conteúdo do quadro mencionado no parágrafo anterior.

No livro *História Geral e Brasil*[76]*,* do ano de 2005, assinado por José Geraldo Vinci de Moraes, as dez páginas destinadas à Segunda Guerra Mundial não trazem nenhuma referência ao Holocausto, nem mesmo nas indicações de filmes. Uma desagradável surpresa.

---

75 BARBEIRO, Heródoto. CANTELE, Bruna Renata. SCHNEEBERGER, Carlos Alberto. *História*. São Paulo: Scipione, 2004.
76 MORAES, José Geraldo Vinci de. *História Geral e Brasil*. 2º ed. São Paulo: Atual, 2005.

Já o livro didático *Estudos de História*[77], de 2010, assinado por Ricardo de Moura Faria, Mônica Liz Miranda e Helena Guimarães Campos, reserva quatorze páginas para a guerra, no capítulo "A Segunda Guerra Mundial", mas é no capítulo anterior que o texto discorre sobre o nazismo.

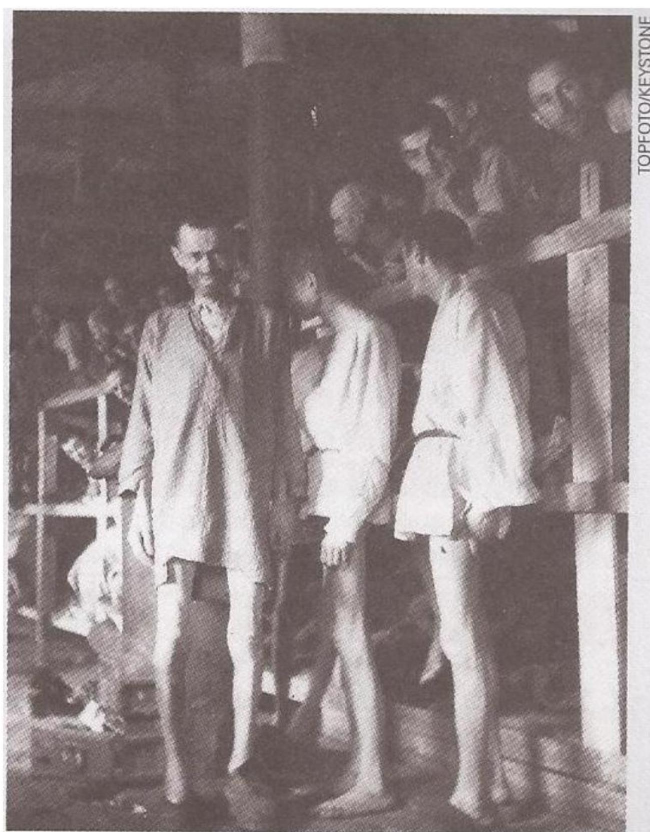
O texto esclarece que o preconceito contra indivíduos "indesejáveis", como os judeus, homossexuais, comunistas e ciganos, fazia parte da política nazista. Nos campos de concentração, milhões foram forçados a trabalhar, e com a "solução final", objetivava-se exterminar todos os judeus da Europa. É mencionado também que essa violência era conhecida pelas autoridades européias, que se omitiram diante do fato, pois o antissemitismo estava disseminado não só na Alemanha, mas também nos outros países do continente. Pontue-se que alargar o sentimento antissemita para além das fronteiras alemãs é de grande relevância para a compreensão do Holocausto.

Finalmente, no livro *História*[78], do ano de 2011, assinado por Gislane Campos Azevedo e Reinaldo Seriacopi, oito páginas são dedicadas à narrativa do conflito, no capítulo "Segunda Guerra Mundial". O texto aborda a Crise de 1929, a expansão territorial da Itália e Alemanha, a entrada dos Estados Unidos na guerra e seu final, com o lançamento das bombas atômicas. Na penúltima página do capítulo encontra-se um quadro, na cor lilás, intitulado "Holocausto", com a foto de prisioneiros amontoados em campo de concentração (ver Figura 8). Ela acompanha a seguinte legenda: "Amontoados em prateleiras que funcionavam como camas, desnutridos e assustados, prisioneiros são fotografados em campo de concentração nazista no fim da Segunda Guerra Mundial. As atrocidades cometidas nesses lugares de segregação forçada só vieram a público pouco antes do término do conflito."[79] A última sentença é bastante questionável, pois não deixa claro que o grande público podia não saber dos campos de extermínio, mas as autoridades políticas, certamente, sim.

---

77 FARIA, Ricardo de Moura. MIRANDA, Mônica Liz. CAMPOS, Helena Guimarães. *Estudos de História*. São Paulo: FTD, 2010.
78 AZEVEDO, Gislane Campos. SERIACOPI, Reinaldo. *História*. São Paulo: Ática, 2011.
79 *Idem*, p. 428.

Figura 8: Prisioneiros de campo de concentração nazista (s/d), no livro *História*, 2011.



Por fim, o texto afirma que, em 1942, foi definida a "solução final", e que milhões de judeus morreram em câmaras de gás, por exaustão de trabalho, por desnutrição, pelas experiências "médicas" ou por suicídio. Como sugestões, indicam-se os filmes *O Pianista* e *A lista de Schindler*, além do livro *O diário de Anne Frank*. Notam-se, pois, dois elementos inéditos nessa narrativa: a inclusão das experiências "médicas" (ainda que não se explique do que se trata) e a decisão pessoal pela morte (que ressalta o sofrimento fisico e psíquico das vítimas).

Considerações Finais

A partir da pesquisa apresentada, pode-se afirmar que, entre os livros didáticos anteriores à metade da década de 1990, cinco omitem integralmente o Holocausto. Percebe-se que outros conteúdos são mais recorrentes, destacando-se a ascensão dos nazistas, a excelência do exército alemão e o lançamento das bombas atômicas, temas presentes em todos os livros consultados neste artigo, sem exceção.

Já os livros didáticos publicados após a metade da década de 1990, trazem, à exceção de dois, alguma informação sobre o Holocausto. O tema ganha cada vez mais linhas nos capítulos sobre a Segunda Guerra Mundial, muito embora a abordagem seja, como demonstrado, ainda diminuta e pouco analítica.

É importante salientar que os títulos mais recentes, sobretudo aqueles datados a partir dos anos 2000, incorporam uma nova estética na apresentação dos textos. Páginas mais coloridas e com imagens mais diversificadas tornam-se usuais. Há também a preocupação crescente de incluir fragmentos de fontes e citações. Observa-se a intenção de relacionar os conteúdos com produções artísticas eruditas (pinturas e obras literárias) e, especialmente, midiáticas (revistas em quadrinhos, desenhos animados, documentários e filmes de ficção). As propostas metodológicas dos manuais, portanto, estão se alinhando com as novas concepções de ensino, que valorizam menos a memorização de datas e fatos, e mais a construção de competências e habilidades.

Em resumo, a pesquisa concluiu que, de modo geral, com o passar dos anos: a) os eventos associados à Segunda Guerra se tornaram menos centrados em fatos militares e políticos, uma vez que experiências cotidianas e aspectos da cultura passaram a ser observados; b) as vítimas deixaram de ser somente judeus (opositores e outras minorias étnicas são igualmente apontadas como indesejadas e perseguidas pelo regime nazista), adultos (passam a ser, também, crianças e velhos) e fatais (mortas), não se tornando, contudo, femininas; c) conceitos importantes para a compreensão do Holocausto, como o de "campo de concentração", "genocídio", e "solução final", foram surgindo; d) menções à resistência judaica continuaram, praticamente, ausentes, assim como a historicidade do antissemitismo; e) o Holocausto persistiu circunscrito ao período em que as vítimas foram concentradas em campos e exterminadas, desconsiderando-se que, após a adoção da política racial, medidas de identificação, suspensão de direitos, segregação e expulsão foram impostas; f) a perseguição aos judeus se manteve personificada em Adolf Hitler (e/ou no comando nazista), não envolvendo a parcela da população que colaborou com o crime; g) o silêncio e a omissão das autoridades políticas internacionais, conhecedoras da política racial alemã, foram destacados; g) os campos de concentração ganharam nome, características e imagens; h) não se enfatizou o que aconteceu com os sobreviventes após o fim da guerra; i) não se apontaram os paradigmas historiográficos sobre o Holocausto; j) as informações sobre o fenômeno não se fizeram acompanhar de reflexão ou relação com o tempo presente.